

O ÓCIO NO MUNDO GLOBALIZADO¹

Maria Alcina Fernandes²

Maria Manuel Baptista³

RESUMO

No presente trabalho é abordada a temática do ócio em intersecção com o fenómeno da globalização que vivemos. A globalização, sendo um fenómeno que a todos envolve, sem regresso, também traz consigo efeitos danosos, entre os quais se indica o do domínio da tecnologia massificada sobre os sujeitos, colonizando-os.

A prática do ócio mostra-se, pois, necessária, essencial e indispensável como meio de desvio a tais consequências nocivas ou, pelo menos, à sua neutralização. Pela execução de atos simples e comuns de alcance para todos, como seja o caminhar, o estar em silêncio, a dedicação às manualidades, os sujeitos vencem os comportamentos velozes e stressantes que lhes são impostos, readquirindo o equilíbrio físico, emocional e psicológico conducentes à paz interior e felicidade.

Neste trabalho o ócio é tido como o comportamento que o sujeito pretende e determina, demonstrando ser, desde logo, uma experiência da maior importância. Apesar de não constituir uma obrigação, revela um compromisso do sujeito consigo próprio, uma vez que é uma livre escolha, ser incorporado por valores, concretizado com o fim em si mesmo e ser também gerador de satisfação e prazer para o sujeito. Pela prática do ócio o sujeito toma consciência de si e do que o rodeia, criando as condições no desenvolvimento do seu ser. No processo da prática do ócio, as experiências vividas pelo sujeito conduzem-no sempre e também ao conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE:

Ócio. Globalização, Efeitos, Práticas, Felicidade

Vivemos atualmente mergulhados no mundo globalizado.

O fenómeno da globalização, que se iniciou logo após a II Guerra Mundial é difícil de definir ou conceptualizar. Conforme a perspectiva sob que é analisado, ele é entendido de modo diverso. Contudo, poder-se-á dizer que sobre os escombros da II Guerra Mundial se estabeleceram novas ligações sociais, culturais, económicas e políticas, à escala global, assentes em quatro pilares: comércio, movimentos de capitais, migrações e propagação do conhecimento.

Envolvendo a maioria dos povos e países do mundo, pelo estabelecimento de novas ou pela refundação de outras, a globalização, a partir dos inícios da década de 90 do século passado, torna-se notória e sentida pela generalidade das pessoas no seu próprio dia a dia. Desde logo, porque nos rodeou de vária tecnologia direcionada quer para o espaço doméstico, quer para o emprego e fez despontar as comunicações fáceis e de baixo custo, necessárias e indispensáveis à troca de ideias, informações e conhecimentos que contribuem para o desenvolvimento aprofundado das quatro vertentes que a compõem. Vive-se em constantes mutações, tantas vezes de modo vertiginoso.

¹ Trabalho apresentado durante o XII Encontro Internacional OTIUM e VI Congresso Internacional em Estudos Culturais - Ócios e Resistências: Crescer e Envelhecer em Contextos Culturais Diversos.

² Doutoranda em Estudos Culturais, Universidade de Aveiro. E-mail: alcinafernandes@gmail.com

³ Professora Catedrática do Programa em Estudos Culturais, Universidade de Aveiro. E-mail: mbaptista@ua.pt



Isto é, as novas tecnologias de informação e a inovação surgem como necessidade na abertura e aprofundamento das relações sociais internacionais, aos diversos níveis; por seu turno, a globalização gera a universalização no acesso às novas tecnologias, ao conhecimento e inovação, como meios de comunicação e desenvolvimento. Servem-se mutuamente. Interligam-se, praticamente, a todas situações da vida e influenciam-na de forma determinante, como um “aparelho” em que as respectivas imagens “se entrepõem entre o mundo e homem. Seu propósito é serem mapas do mundo, mas passam a ser biombos. O homem, ao invés de se servir das imagens em função do mundo, passa a viver em função das imagens” (Flusser, 1985, p. 7).

No seu desenho atual, de elevada variabilidade que é sentida e de todos conhecida, os sujeitos parecem desempenhar um papel ativo, em reação quase automática e a velocidade elevada e com grande ruído, já que recolhem, transmitem, manipulam e partilham as informações de que dispõem. Esta possibilidade, concede-lhes um sentimento de auto-suficiência e a sensação de poder, entendido este como a capacidade de controle e influência para se obter um resultado, em ação que exprima superioridade.

Como observou Foucault, manifestações de verdade e saber também são produtos do poder. Como verdade, o poder institui-se pelo discurso ou pelos movimentos, por vezes sem adequadas reflexões ou consciência: “somos forçados a produzir a verdade pelo poder que exige essa verdade e que necessita dela para funcionar, temos de dizer a verdade, somos coagidos, somos condenados a confessar a verdade ou encontra-la” (Foucault, 1999, p. 29) e, por isso, sempre importará

captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações (...) captar o poder nas suas formas e instituições (...), principalmente no ponto em que ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam (...)

Em outras palavras, captar o poder na extremidade cada vez menos jurídica de seu exercício (Foucault, 1999, p. 182).

Novos discursos, novas práticas vão-se implantando e passam a desempenhar um papel central nas mudanças que ocorrem aos diversos níveis, contribuindo para as alterações das relações sociais e, por sua vez, novas identidades se constroem. Circunstâncias estas que transportam dificuldades na construção do “EU” dos indivíduos e na criação empática das relações sociais.

As condições do mundo globalizado, tal como são os seus contornos hoje em dia cria uma certa habituação e o desejo que tudo ocorra em tempo real, como que por magia. Não interessam as fases intermédias entre causa e efeito, apenas se quer que, com um só gesto, se obtenha o resultado pretendido. Ora, no dizer de Umberto Eco (2012), “a magia ignora a longa cadeia das causas e dos efeitos e, acima de tudo, não se preocupa em chegar às conclusões através de provas sucessivas, que mostrem uma relação repetível entre causa e efeito” (Eco, 2012, p. 152). Além disso, “a tecnologia faz tudo para que percamos de vista a cadeia das causas e dos efeitos” (idem). Na verdade, a simultaneidade incutida como o impulso que transportaria conhecimento e abundância que conduziria ao auge do desenvolvimento pessoal e social, trazendo benefícios, trouxe também uma certa desordem psicológica motivada pelo stress e tensão, que nos desconecta do mundo e da empatia com o ‘outro’. Sentimo-nos permanentemente insatisfeitos.

Invocando-se a liberdade, o homem livre, os direitos humanos, neste mundo globalizado parece viver-se sem direção ou regras de convivência. Todavia, isto não é assim. A globalização é titulada por entidades que a dirigem e possuem regras específicas de políticas que servem os seus interesses, oportunamente e por si estabelecidos. Bastará atentar ao facto de que o poder político (que é eleito pelas populações) dos diversos países se encontra aprisionado pelo poder económico (que nunca é sujeito a escrutínio popular) e como as populações tantas vezes votam contra o seu próprio interesse achando que os interesses defendidos pelas elites os irão beneficiar.

Essas entidades que titulam o *modus faciendi* da globalização (que não se sabem quais são, mas que muitas vezes se identificam de ‘mercados’, transnacionais e multinacionais) são, pois, as possuidoras do algoritmo, isto é, da fórmula de sequência lógica, definida e finita dos passos a dar em determinada tarefa para certo resultado. Como detentoras do algoritmo “influenciam a apresentação, de modo a adequar-se a uma variedade de interesses financeiros, políticos e sociais, a par do gosto dos utilizadores, para que estes possam continuar fechados no silo de opiniões que os entretêm” (Damasio, 2017, p. 293).

Reafirmando, o imediatismo e a velocidade impostos neste mundo globalizado, são geradores de automatismos e superficialidades comportamentais dos indivíduos, que põem em causa a empatia e a solidariedade. Como diz Franco Berardi: “A solidariedade é o lado político da empatia, do prazer de estarmos juntos. ... O que me parece é que os processos tecnológico e económico geraram, simultaneamente, o capitalismo financeiro e a aniquilação tecnológica da presença do outro.” (Pina, 2018, par. 6). Na verdade, concordando-se com Franco Berardi:

Quando o processo de comunicação se torna vertiginoso, assente em multicamadas e extremamente agressivo, deixamos de ter tempo material para pensarmos de uma forma emocional e racional. Ou seja, o pensamento crítico morreu”. (Pina, 2018, par. 8)

Sem debate e pensamento crítico, os indivíduos centralizam a vida em si próprios, confundem a realidade com os seus desejos e ambições, apenas modelados pelo prazer e diversão. De tal sorte que não aceitam ou admitem opiniões que se afastem das suas ou do seu grupo e, perante um problema ou adversidade, advogam a solução que corresponda aos seus interesses próprios, de exequibilidade a curto prazo.

Mais: as vivências no mundo globalizado criam uma aparente e ilusória autonomia, configurante de liberdade e poder, o que corresponde à ambição de destaque. O indivíduo, apesar de conhecer e dominar as “manhas” das relações económicas e sociais, por desconhecer os procedimentos do algoritmo (que lhe são inacessíveis), tal como um fotógrafo,

“domina o aparelho, sem no entanto, saber o que se passa no interior da caixa. Pelo domínio do input e do output, o fotógrafo domina o aparelho, mas pela ignorância dos processos no interior da caixa, é por ele dominado” (Flusser, 1985, p. 15).

No desejo de ver reconhecida a sua participação ativa na vida como contribuição na definição do futuro social, vê hipotecados a sua liberdade e o seu livre arbítrio, porque a sua participação é sempre controlada, sob avaliação, em permanente configuração segundo os interesses de quem efetivamente possui as rédeas do futuro.



Na quimera de dominar, o indivíduo acaba por ser colonizado por quem possui e manipula o algoritmo. A neutralidade, a liberdade, a auto-suficiência, a autonomia que a globalização exterioriza são falácias que, na verdade, sequestram os indivíduos. Com efeito, o indivíduo no contexto complexo dos diversos domínios da globalização, designadamente no da tecnologia e meios de comunicação, corre um risco muito elevado, que é aquele que está intimamente ligado à sua personalidade. As ilusões transmitidas, a superficialidade nas relações sociais e a ausência de debates (mesmo que consigo próprio), pensamentos e reflexões causam uma alteração no funcionamento do cérebro: as concentração e memória modificam-se, dando-se formas amputadas de pensar, de sentir. Ao agir num mundo fechado e egocêntrico, em que o ‘outro’ é um instrumento, o homem não inventa ou cria a elasticidade que permita enfrentar as adversidades e encontrar as soluções, equilibradas e harmoniosas, para os seus problemas. (Damasio, 2017)

A vida do indivíduo transforma-se num vazio, sem felicidade.

A decisão rápida, não ponderada não produz solução nas relações com o “outro”, o que acarreta desânimo e desinteresse.

Estes, sendo alguns aspetos do lado ‘negro’ ou ‘danoso’ da globalização que, por determinantes na nossa vida e no futuro da Humanidade, não são para ignorar, porquanto, não será de admitir um qualquer regresso ao passado, mesmo que admitido como possível cultural e socialmente. A globalização é o caminho da Humanidade.

Então, haverá alternativa?

A resposta tem de ser afirmativa. A própria natureza humana dá-nos a profunda convicção que uma alternativa tem de existir, por indispensável e determinante para a vida e para o futuro da Humanidade.

Tomando por referência que o bem mais desejável é a Felicidade, a empatia e solidariedade humanas são valores a relevar e estes são reconhecidos pelo registo do carácter dos indivíduos. Zygmunt Bauman dá por certo (no que corroboramos) que há muitas maneiras de ser feliz e um dos fatores que dão feição à vida humana é o carácter:

“o carácter é algo muito individual, você pode trabalhar em cima do seu carácter, quando quiser, pode mudá-lo, melhorá-lo, boa parte está sob o seu controle” (Bauman, 2011, sec. 26:05).

Mesmo no conjunto das opções que o “destino” faculta, “as escolhas entre essas opções são feitas pelo seu carácter. E como os tipos de carácter são muitos e bem diferentes não é possível dar uma receita para a felicidade” (2011, sec. 27:08). Resulta, pois, que o carácter representa o fator essencial numa alteração posicional ou de conexão do indivíduo com o ‘outro’, em sentido coletivo com a Humanidade. E, portanto, é no equilíbrio entre a liberdade e o “Eu” que se poderá encontrar uma vida feliz. Voltando ao pensamento de Zygmunt Bauman,

há dois valores essenciais que são absolutamente indispensáveis para uma vida satisfatória, compensadora e relativamente feliz. Um é a segurança e o outro é a liberdade (...) Segurança sem liberdade é escravidão; sem segurança é um completo caos (...) Então, você precisa dos dois” (Bauman, 2011, sec. 21:49).

O primeiro passo a dar é o de resistir, pois na resistência adquirem-se as forças e a energia potenciadoras do sucesso individual e ganho para a Humanidade.

Como é sabido, o desenvolvimento da tecnologia, permitido e incrementado pela pró-

pria globalização, a tecnologia comporta um grande ‘ruído’ - rádio, televisão, tráfego de veículos, eventos culturais de massas, como o futebol, etc. , que nos desliga do nosso mundo interior. O silêncio apresenta-se como barreira a tal ruído. É que o silêncio conduz-nos para nós próprios, para o nosso interior, o que nos permite ver o que o ruído tapa. Caminhar, em silêncio, descobrimo-nos e connosco estabelecemos o diálogo que nos dá a consciência de nós, reparando no nosso corpo, no que somos, no que queremos, no que faremos, sem utilitarismos ou racionalismos (Pablo Bujalance, 2017).

Apenas no intuito contemplativo e em rebelião ao peso do económico que as relações humanas hoje transportam, por valorizarmos os nossos pensamentos e emoções e concentrarmo-nos na vida, buscando pela reflexão o auto-conhecimento e a conexão com nós próprios. “Ficar em silêncio e caminhar são hoje em dia duas formas de resistência política” (Pablo Bujalance, 2017).

Resistência da qual também se retiram outros benefícios importantes. Nesse jogo de resistir ao que nos querem impor e a reflexão conducente de auto-conhecimento, encetado ou a manter, abre-se o caminho das melhores escolhas nas decisões a serem tomadas; dá-se a abertura a novas aventuras e criações, valorizam-se as amizades , concede-se a atenção aos valores humanistas como a lealdade, o afeto, o companheirismo, a empatia e sobretudo da solidariedade que

“é o lado político da empatia, do prazer de estarmos juntos. E quando as pessoas gostam mais de estar juntas do que competir entre si, isso significa que o capitalismo financeiro está condenado” (Pina, 2018, par. 4).

Estas são duas ações ao alcance de todos que têm perfeito cabimento na conceção de ócio, desde que seja

“aquilo que realizam as pessoas de forma livre e, simplesmente, porque o desfrutam ... uma ação pessoal e comunitária que tem a sua raiz na motivação e na vontade” (Cuenca Cabeza & Amigo, 2014, p. 11),

Ações, estas, que apenas exigem algum esforço e dedicação, como um desafio que, na verdade, também o é ao transportarem mudanças que reclamam cuidados e salvaguarda.

E, se estas são duas ações de ócio que refletem um estilo de vida, outras há, igualmente por todos alcançáveis, que podem ter o seu enquadramento na resistência a todo o tipo de ‘dano’ que o fenómeno da globalização acarreta nos seus diversos aspetos.

Referimo-nos, em particular, às relativas ao ócio criativo, através do qual realizamos experiências pelas quais enformamos o nosso potencial criativo e o desenvolvemos e que é

“ caracterizado pela experimentação de vivências separadas do instinto e do fácil, que nos introduzem na visão e desfrute de um mundo mais complexo , mas, a longo prazo mais enriquecedor, satisfatório e humano” (Cuenca Cabeza & Amigo, 2014, p. 15).

Delas obtemos a satisfação por contemplarmos e dessa contemplação retirarmos novas possibilidades de novas realidades e que constituem verdadeiros atos de resistência na medida em que toma por referências a liberdade, a satisfação como recompensa, a superação



como importância, a identidade como reconhecimento. Atos ou ações simples como cozinhar, costurar, prática de bricolagem e outros trabalhos manuais, tantas vezes a serem feitos com material a reciclar. Ações que iluminam, ao gerarem liberdade e contentamento, ao facultarem a autorrealização, ao conferirem reconhecimento e dignidade, o que é por todos desejados.

São, pois, estas e outros tipos de ações de ócio que, por criarem as condições a modificações da vida individual e comunitária no sentido dos valores humanistas, fazem resistência, como atos de resistência contínua e verdadeira.

Mais, na busca incessante da Felicidade, a grande aspiração do ser humano,

“o direito ao ócio deve tornar-se ... no nosso dever de promover um tempo ocioso e ainda no correlato direito que todos deveremos ter condições educativas e culturais que nos aproxime mais da humanidade do ser humano, o que só é possível sob a condição de um tempo vivido em pleno ócio” (Baptista, 2014, p. 101).

No condicionalismo dos nossos dias, uma decisão diferenciadora talvez seja a de:

“encontrar outras formas de viver o tempo, valorizando a memória, sem ficar preso à história, não temendo paradoxos ou o que não se conhece por inteiro, porque é nesse processo que o desejável pode ser alcançado” (Belanciano, 2018, par. 12).

